

A OCORRÊNCIA DE HIPERBIBASMO: A TONICIDADE EM SITUAÇÕES DE MONITORAMENTO ESTILÍSTICO

THE HYPERBIBASM OCCURRENCE: TONICITY IN STYLISTIC MONITORING SITUATIONS

Ailma do Nascimento Silva
UESPI

José Mágnio de Sousa Vieira
UFPI

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar o transitar da tonicidade na realização da palavra verbalizada. A seleção dos informantes levou em consideração o fator sexo, bem como o pertencimento ao ensino fundamental em uma escola da rede pública de ensino do estado do Piauí, localizada na região metropolitana de Teresina. O objeto de estudo é o deslocamento da tonicidade na realização da palavra falada. Parte-se da premissa de que a tonicidade sempre se manifesta na língua falada mesmo que sofrendo movimentação. Um dos principais processos responsáveis pelo deslocamento do acento tônico é o hiperbibasmo. Observou-se neste trabalho, a força que a sílaba tônica exerce sobre as demais a ponto de, ao ser produzida, tornar as postônicas menos relevantes, chegando, muitas vezes, a nem serem produzidas, acarretando assim a paroxítonia das proparoxítonas.

Palavras-chave: Tonicidade, acento, hiperbibasmo.

Abstract: The objective of this work is to analyze the transit of the tonicity in the realization of the verbalized word. The selection of the informants took into account the gender factor as well as the elementary school enrollment in a public school in the state of Piauí, located in the metropolitan region of Teresina. The object of study is the displacement of tonicity in the realization of the spoken word. It starts from the premise that the tonicity always manifests itself in the spoken language even if undergoing movement. One of the main processes responsible for the displacement of the tonic accent is hyperbibasm. It was observed in this work, the force that the tonic syllable exerts on the others to the point of, when being produced, to make the postonics less relevant, often coming to not being produced, thus causing the paroxítonia of the proparoxytones.

Keywords: Toning, accent, hiperbibasmos.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, as definições de acento, sílaba, palavra fonológica, hiperbibasmo, tonicidade e vogal são basilares para uma perfeita compreensão do que pretendemos estudar: a tonicidade. De acordo com o Dicionário Houaiss Conciso (2011, p. 914) tonicidade é “qualidade,

estado ou condição de tônico... estado em que os tecidos orgânicos revelam energia ou vigor”. Como tônico, o mesmo dicionário define, algo na língua relativo a tom, ao que se pronuncia com mais intensidade, a vogal, a sílaba que se pronuncia com mais força demonstra o tipo de tonicidade que a palavra apresenta.

Apregoamos, ancorados nas discussões presentes em Araújo et al (2007), que a tonicidade revela, conforme foi dito acima, a energia e o vigor na pronúncia ou marcação das palavras e muito dela é herança histórica, comprovada diacronicamente nos estudos linguísticos, do latim vulgar que, no romance de Portugal, se manifestou com bastante força, normatizando, conforme veremos as regularidades acentuais do acento em português.

O presente trabalho tem como objetivo explicar, a partir dos dados de fala dos informantes selecionados, o comportamento linguístico dos aprendizes do português brasileiro na variante piauiense no que se refere à marcação do acento tônico das palavras paroxítonas e proparoxítonas. O *corpus* é constituído de palavras verbais e não verbais.

Pretendemos com este estudo verificar como os informantes realizam a tonicidade das palavras e por que é ela tão fundamental na constituição da palavra a ponto de nunca ser apagada na sua modalidade oral. O intuito, portanto, é atestar a força que a sílaba tônica exerce sobre as demais a ponto de, ao ser produzida, tornar as postônicas menos salientes chegando muitas vezes a nem serem produzidas, acarretando assim, a paroxítonia das proparoxítonas. Como possibilidades de exemplificação desse deslocamento podemos antecipar parcialmente as análises a partir da palavra **equivoco** cuja pronúncia foi realizada [eki'voku]. Nos dados analisados, verificaremos que a pronúncia padrão sofre variação e é a variação que a tonicidade está propensa a sofrer através do hiperbatismo que constitui o foco de nossa pesquisa.

2 O TRATAMENTO DO ACENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: DO LATIM ÀS TEORIAS FONOLÓGICAS ATUAIS

O português, exemplo de língua românica, herdou parte de suas características acentuais das principais alterações que ocorreram no latim vulgar e estas alterações relacionam-se, sobretudo, à natureza fonética do acento. A perda do valor fonológico da quantidade silábica é uma consequência da ação do acento de intensidade sobre a estrutura fonológica da língua latina. Desta feita, o acento alonga a sílaba sobre o qual recai, subvertendo o sistema da quantidade

silábica, é também responsável por processos de sínopes¹ e de apóopes² sofridos por vogais átonas que originaram alterações na distribuição linear do acento dentro da palavra. Nas línguas românicas atuais, tais processos geram oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos, enquanto que em latim os polissílabos apenas podiam ser paroxítonos e proparoxítonos, conforme Pereira (2007).

Corroborando com a citada autora, podemos inferir que um fator importante das mudanças por que passou o português é a economia linguística. Por economia ainda em latim, tendia-se, primeiramente na modalidade vulgar, a transformar palavras proparoxítonas em paroxítonas. No português, além desta transformação, ocorre também a mudança de palavras paroxítonas em oxítonas. Tudo por uma questão de economia na produção das palavras. Economiza-se, desta forma, energia no pronunciar da palavra, haja vista ser mais cômodo empurrar a tonicidade para o fim da palavra, como no exemplo das realizações da palavra **necrólogos** que, conforme veremos é pronunciada como paroxítona.

Dentre as teorias fonológicas atuais, podemos citar as mais relevantes do ponto de vista de aplicabilidade ou por serem mais utilizadas nos estudos linguísticos em fonologia, a saber: Fonologia Estruturalista, Fonologia Gerativa, Fonologia Métrica e Fonologia da Otimidade (destacamos que tanto a Fonologia Métrica quanto a fonologia da Otimidade são modelos gerativos). A primeira delinea os caminhos primordiais pelos quais a fonologia deve seguir e apresenta os métodos a serem utilizados bem como as concepções a serem preconizadas como, por exemplo, o modo como o fonema deve ser entendido, defendendo a tese de que a unidade mínima de análise linguística é o fonema. Sua investigação prevaleceu sobre a análise de outras áreas da gramática como a morfologia e a sintaxe. É a partir dos preceitos estruturalistas ou dos questionamentos feitos sobre eles que os demais modelos fonológicos surgiram.

A Fonologia Gerativa, por sua vez, assume que o falante possui uma estrutura profunda que contém e armazena as informações gramaticais que, ao sofrer certas regras transformacionais geram estruturas superficiais, que são representadas ao terem acesso ao componente fonológico em representações fonéticas.

Por outro lado, questionamentos oriundos da relação entre a tonicidade e a estrutura silábica e, conseqüentemente, sobre o tratamento do acento e do ritmo na fonologia gerativa, fizeram emergir os estudos em Fonologia Métrica cujo objetivo é descrever e formalizar os

¹ Segundo Silva (2011, p. 203), síncope é um fenômeno fonológico caracterizado pela omissão de uma vogal e que ocasiona redução de uma sílaba e a autora exemplifica esse fenômeno com a palavra *xícara* com três sílabas que ao sofrer síncope passa a ter duas “xícra”.

² Silva (2011, p. 61), também define apócope como sendo um fenômeno fonológico, mas diferentemente da síncope que omite apenas vogais e que não ocorre apenas em um local da palavra, a apócope é a omissão de um ou mais sons no fim de uma palavra. O exemplo que ela traz para este fenômeno é a palavra *lanche* pronunciada como [ˈλɔ)SI]

padrões acentuais e de ritmo da fala. Esse estudo surgiu devido ao fato de os defensores deste modelo teórico terem discordado do tratamento dado pelo modelo gerativo no tocante aos aspectos suprasegmentais da fala.

Por fim a Teoria da Otimidade, também chamado Otimidade é um modelo fonológico desenvolvido na década de 1990 por Prince e Smolensky (1993) e McCarthy e Prince (1993). Tal modelo rompe com a noção de regras estruturais propondo que a gramática fonológica consiste da interação de restrições violáveis, que seriam universais. Este modelo originalmente desenvolvido e aplicado nos Estados Unidos da América recebeu adeptos em outras partes do mundo, inclusive no Brasil.

Dentre os estudos de fonologia do português brasileiro atual, citamos três modelos os quais vários pesquisadores brasileiros têm aplicado em seus trabalhos: a Fonologia Autossegmental, a Geometria de Traços e a Fonologia Métrica. É importante lembrar que a Geometria dos Traços é uma implementação da Fonologia Autossegmental que se vale da teoria de Traços de Chomsky e Halle (1968). Os dois princípios basilares da teoria autossegmental são primeiro, o fato de nela entender-se que não há uma relação bijectiva, ou seja, uma relação de um-para-um entre o segmento e o conjunto de traços que o caracteriza, dessa forma, os traços podem estender-se além ou aquém de um segmento e o apagamento de um segmento não implica necessariamente o desaparecimento de todos os traços que o compõem e segundo, tal modelo defende que o segmento apresenta uma estrutura interna que nas palavras de Bisol (2010 b) acarreta uma hierarquização entre os traços que compõem determinado segmento da língua.

A Geometria de Traços Fonológicos adotada por Clements (1985;1991) considera que os traços constituintes dos segmentos que estão em um mesmo fonema são adjacentes a ele. A finalidade de tal modelo é representar a hierarquia existente entre os traços fonológicos e mostrar que eles podem ser tanto manipulados isoladamente como em conjuntos solidários. Os segmentos são representados com uma organização interna a qual se mostra através de configurações de nós hierarquicamente, ordenados interpretados em diagrama arbóreo. (APUD BISOL, 2010 b).

A Fonologia Métrica utiliza a concepção da hierarquia das estruturas linguísticas para representar a sílaba e o acento adequadamente. Este modelo teórico considera o acento como sendo uma propriedade da sílaba e somente a sílaba pode ser portadora do acento primário. O acento deixa de ser visto como um traço e passa a ser definido como uma proeminência que nasce da relação entre os elementos prosódicos. (BISOL, 2010 b).

Collischonn (2010) compartilha ainda da ideia de que o acento seria um fonema da língua, só que é um fonema de tipo especial, porque ele não aparece colocado linearmente entre

segmentos, superpõe-se a eles, acrescenta-se a segmentos, por isso, é chamado de suprasegmento. Desta forma, o termo suprasegmento acaba por ser pertinente. No nível linear da palavra, não há a visão do acento, há a sensação de que ele existe. Sendo assim, ele é marcado na escrita sobre a palavra, ele é mais idealizado que percebido e na fala é percebido realmente.

Para a autora acima citada, como no português o modelo silábico, não é um padrão fechado em consenso, não possui nenhum limite quanto ao número de elementos que deve conter, mas possui os padrões que são obrigatórios na sílaba, vogal e marca de tonicidade, que pode transitar na palavra nas variantes linguísticas, porém é impreterível que exista na sílaba, pois em português ela não é concebida sem estes elementos prosódicos, ele acaba por necessitar, na análise, de subterfúgios para uma explicação razoável.

Concordando com a acertiva de Collischom (2010) progredimos esta discussão entendendo que o acento é um fonema que não está no nível dos segmentos, mas como ele é obrigatório no português, é marcado no nível da escrita, sobre os segmentos, enquanto que no nível da realização da fala ele também não pode ser entendido como algo separado dos segmentos, mas se manifesta através da força articulatória sobre um fonema, sobre a sílaba tônica.

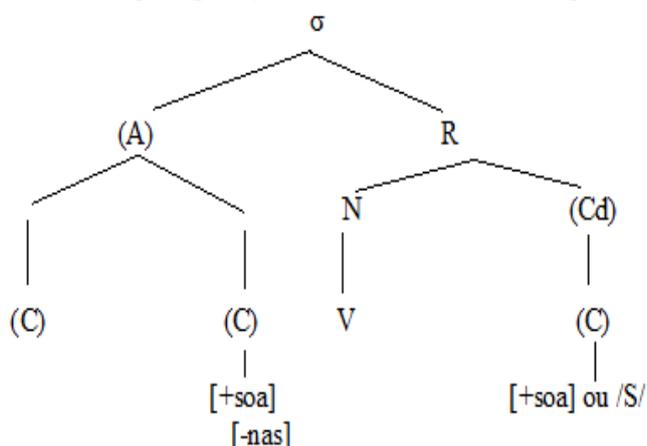
Acreditamos, portanto, ainda ancorados em Collischom (2010), que os suprasegmentos são fonemas que não estão linearmente apresentados e não seguem uma sequência métrica igual à dos fonemas que constituem a palavra, mas mantêm com eles uma relação quase que de fusão. Poderíamos considerar, desta forma, os suprasegmentos presentes na palavra, constituintes dela, acentos formadores da tonicidade e que de certa forma tanto o acento, quanto o hiperbissmo são fenômenos linguísticos assim como o é a crase, inclusive assim considerada também gramaticalmente. O acento provoca a tonicidade das palavras e está representado nos traços suprasegmentais.

Collischom (2010) defende que em português, a tendência acentual é de palavras paroxítonas, razão por que, sobretudo as palavras mais longas e proparoxítonas tendem a modificar-se por hiperbissmo em registro coloquial, ou seja, há deslocação do acento tônico de uma palavra como, por exemplo, a palavra já referida acima **escrúpulo**>[ezkru'pulo]. É nesse ponto que chegaremos. O hiperbissmo é abordado, neste trabalho, como um fenômeno linguístico, gerador de numerosas mudanças linguísticas na evolução do português e que acabou por caracterizar a língua portuguesa como pretensiosa à paroxítonia. Trataremos disso quando formos tratar do hiperbissmo.

3 A CONSTRUÇÃO SILÁBICA NO PORTUGUÊS

Bisol (2010b) acrescenta à palavra ‘pé’ o complemento ‘métrico’. O termo ‘pé métrico’ é indicado com o símbolo (Σ) e definido pela autora da seguinte forma (BISOL, 2010 b, p. 262): “entende-se por pé métrico a combinação de duas ou mais sílabas, em que se estabelece uma relação de dominância, de modo que uma delas é o cabeça e a outra ou outras, o recessivo”. A autora também defende que os princípios de composição da sílaba estão na relação de dominância que se estabelece entre os elementos que a compõem, entre rima e ataque e entre núcleo e coda. Segundo ela, na maioria das línguas, somente vogais são picos silábicos e o primeiro passo na construção de uma sílaba é identificar o pico, o núcleo, que por sua vez projeta a rima e esta projeta a sílaba (BISOL, 2013):

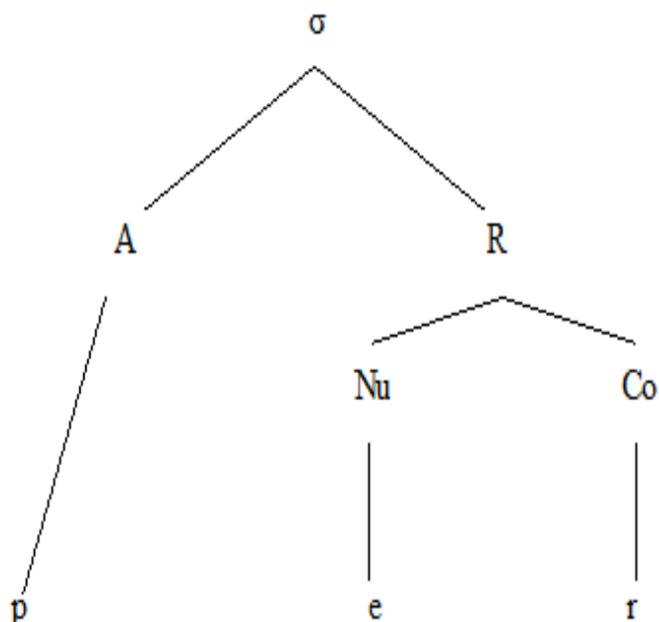
Figura 1: Molde silábico do português (BISOL In ABAURRE, 2013, p. 23)



Silva (2005) afirma que a estrutura máxima silábica do português é sempre constituída por vogal e esta é o núcleo da sílaba. A autora traz a definição de sílaba como sendo um movimento de força muscular que se intensifica, atingindo um limite máximo, após o qual ocorrerá a redução progressiva desta força e nos apresenta ainda a constituição da sílaba que é formada pela parte periférica de intensificação de força e a parte periférica de redução da força.

O núcleo silábico em português é sempre preenchido por vogais, já as partes periféricas que são opcionais e nem sempre estão presentes nas sílabas são preenchidas por consoantes. O modelo representacional da sílaba mais estudado em fonologia é o proposto por Selkirk (1982) que defende que a estrutura interna das sílabas deve ser ramificada como nas representações arbóreas da sintaxe.

Figura 2: Molde silábico do português (COLLISCHONN In BISOL, 2010 b, p. 102)



Ao passo que onset e coda, de acordo com Alves e Keller (APUD BISOL, 2010a) podem não ser preenchidos. Os autores advertem ainda que embora o *onset* possa não ser preenchido, como na palavra do português *ave*, nenhuma língua proíbe sua existência. O mesmo não pode ser dito sobre a coda, uma vez que existem línguas que não a permitem. Segundo os autores, estudos tipológicos das línguas mostram que o padrão CV (Consoante-Vogal) está presente em todos os inventários silábicos, enquanto o padrão CVC (Consoante-Vogal-Consoante) só se manifesta em alguns deles.

Collischonn (2007) afirma que a sílaba que carrega o acento primário é a mais proeminente dentre as sílabas que constituem a palavra e a sílaba que carrega o acento frasal é a mais proeminente dentre as sílabas acentuadas das palavras que constituem a frase. Assim, determinada sílaba pode ser acentuada com referência a diversos domínios diferentes. A autora acrescenta ainda que o fato de os acentos tenderem a apresentar padrões rítmicos com sílabas fortes e fracas espaçadas em intervalos regulares, propriedade rítmica, recebeu na fonologia gerativa recente uma interpretação em termos de pés.

3.1 A Palavra Fonológica

De acordo com Bisol (2010 b) a palavra fonológica ou prosódica não pode ter mais do que um acento primário. É uma categoria que domina o pé métrico e por exigência dos princípios

que regem a hierarquia prosódica, todos os pés de uma cadeia, e nenhuma outra categoria, são agrupados em palavra fonológica. Podemos defini-la, assim, como sendo um agrupamento de pés métricos, isto é, duas ou mais sílabas, e nesta sílaba o cabeça ou núcleo, sempre será representado por vogal, de uma cadeia e que possui apenas um elemento proeminente – o termo proeminente deve ser entendido aqui como sendo o cabeça, núcleo, cume, a sílaba tônica em si.

A palavra fonológica é por assim dizer um encaixamento de sílabas que formam uma unidade maior, a palavra, e esta terá um elemento mais proeminente, o cabeça, ou núcleo tônico que a caracterizará como sendo de tonicidade, oxítone, paroxítone ou proparoxítone. Collischonn (2007) diz que ela não é necessariamente isomórfica, - nos baseamos em Dubois et al (2006) para dizer o que segue - ou seja, ela não apresenta o mesmo tipo de relação combinatória com um outro nível hierárquico como, por exemplo, o do pé métrico ou da sílaba. Assim sendo, os princípios que a regulam não são exatamente os mesmos que regulam os demais níveis da hierarquia prosódica. Se, entretanto, as leis combinatórias da palavra fonológica forem idênticas às leis combinatórias da sílaba, haverá isomorfismo entre estes dois níveis hierárquicos.

4 O PROCESSO FONOLÓGICO DO HIPERBIBASMO

Cavaliere (2005) define hiperbibasmo como sendo o avanço ou recuo do acento de intensidade e afirma também que a gramática normativa costuma condenar com ênfase tais mudanças, uma vez que a tendência acentual, no português, é de palavras paroxítonas, razão pela qual, sobretudo, as palavras mais longas e proparoxítonas tendem a modificar-se por hiperbibasmo em registro coloquial resultando o que Quednau (In BISOL, 2002) denomina paroxítonia.

O hiperbibasmo na língua portuguesa, como já foi discutido, é um fenômeno linguístico que comprova a tendência de paroxítonia da língua. Tal tendência é mais evidente, sobretudo, na realização de palavras menos comuns no vocabulário usual dos falantes da língua portuguesa pelo fato de que em palavras eruditas, ou menos corriqueiras no uso da língua, justamente por serem menos usuais, o acento aproxima-se mais de imposição normativa quanto a sua tonicidade e o termo tonicidade deve ser entendido aqui como uma das três possibilidades que o português brasileiro permite ao usuário de tal língua, marcar o lugar sobre o qual incidirá o acento tônico.

Nas palavras que são de uso mais frequente na língua, torna-se mais difícil, verificar o hiperbibasmo. Porém, quando ocorre em tais palavras, ele revela uma tendência que pode vir a se cristalizar e entrar na norma culta. Assim ocorreu no passado, como já ficou dito algures, também

será no futuro. A paroxítonia é um fenômeno evidente na língua. O hiperbibasmo é fator decisivo de tal tendência na língua portuguesa, como comprovado diacronicamente.

Não somente a paroxítonia, tendência de transpor o acento proparoxítono em paroxítono, mas também a tendência de transpor o acento de uma posição que torna a tonicidade da palavra do tipo paroxítona em oxítona, também é provocado pelo processo de hiperbibasmo. Os exemplos de Lee (2007) para estes tipos de transposição são *abóbora* > [a'bɔbrɔ], para a paroxítonia, em que o tipo de transposição é decorrente da síncope da vogal átona *o*, e como exemplo do que chamaremos aqui de 'oxítonia' o mesmo autor apresenta a palavra *formal*, pronunciada ora como [foh'maw] ora como ['fɔhmal]

Parece oportuno levantarmos uma diferença salutar, para a nossa explanação e a faremos definindo o que é processo e o que é fenômeno linguístico, no que nos propomos estudar. O processo, para nossa análise, é aquilo que resulta no fenômeno, ou seja, é a partir do processo de hiperbibasmo (a mudança linguística ou variação sofrida pelo acento deslocado) que ocorre o fenômeno da paroxítonia. O processo gera o fenômeno. Dessa forma, o hiperbibasmo é um processo e a paroxítonia é um fenômeno. Mas, não estamos aqui dizendo que o hiperbibasmo provoque sempre mudança, haja vista que para que uma variação entre na norma de uma língua é preciso que ocorra uma convenção, um acordo entre os membros da comunidade em voga.

4.1 A Tonicidade

Silva (2005) afirma que a vogal acentuada é auditivamente percebida como tendo duração mais longa e de pronúncia mais alta, e é este aumento de volume quem permite os ouvintes a identificarem as vogais acentuadas das não acentuadas. A vogal tônica tem proeminência acentual em relação às outras e estas vogais estão em oposição em relação às átonas.

Segundo Araújo (2007), os termos oxítona, paroxítona, proparoxítona representam tipos de tonicidade. Bisol (2010 b) diz que no português, o acento primário recai frequentemente na penúltima sílaba e os outros acentos, como o das proparoxítonas e oxítonas, são tratados como regras menores. A autora explica também que a proposta de Chomsky e Halle defende que a regra do acento primário obedece a ciclos, ou seja, tem de ser reaplicada toda vez em que há o acréscimo de um morfema derivativo. Isto posto, a cada nova derivação o acento primário é atribuído e os acentos atribuídos em ciclos anteriores ficam reduzidos de um grau (Ex.: *cá*sa > *casé*iro). Já a fonologia métrica, segundo a mesma autora, considera o acento como sendo uma propriedade da sílaba e não um segmento.

A fonologia métrica se opõe a ter o segmento ou fonema como unidade de análise. Conforme Callou (2000, p. 65) citando Liberman e Price (1977), ao examinarem a acentuação, apresentaram a tese de que esta não deveria ser atribuída a um segmento, mas sim que “deveria haver uma estrutura hierárquica (sílabas, pé, palavra prosódica) organizada dos segmentos”. Segundo esse modelo teórico, somente uma sílaba pode ser portadora do acento primário que deixa de ser um traço e passa a ser uma proeminência que nasce da relação entre os elementos prosódicos como sílaba (σ), pé (Σ) e palavra fonológica (ω). Callou (2000) afirma que o contexto de sílaba tônica é o em que há maior estabilidade articulatória e o sistema completo de sete vogais que a referida autora afirma existirem no português do Brasil só funciona em sílaba tônica.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Concebemos, em nosso trabalho, a língua como dinâmica e heterogênea, mas em sua heterogeneidade há uniformidade, isto significa que, apesar da pronúncia em grande parte dos dados que constituem o nosso *corpus*, divergir das regras e normas impostas pelos usuários detentores dos meios culturais elitizados que procuram impor sua norma aos demais e isolá-la das variantes que eles desprestigiam, existe uma grande lógica que se baseia não em regras ou normas, mas em leis universais e estas, sim, direcionam as línguas naturais para um caminho de escolhas e não de isolamento.

A preferência que a língua tem por determinado uso gera as restrições e dentre estas há as preferidas e as que perdem a disputa quanto à preferência. As escolhidas como preferenciais são colocadas hierarquicamente acima das menos prestigiadas. Porém, as disputas são violáveis e quem determina o vencedor e preferido no uso é a língua.

Para a constituição deste trabalho fizemos uma pesquisa de campo de caráter quantitativo realizada em uma escola localizada na região central da cidade de José de Freitas-PI, portanto, portadora de clientela bastante diversificada, pertencente à rede pública de educação do estado do Piauí, constituímos um *corpus* composto por dados de fala de alunos sem problemas de fala dos anos finais do Ensino Fundamental (8º e 9º ano). A coleta dos dados se deu no primeiro semestre letivo de 2013. Utilizamos um gravador digital para fazer a coleta dos dados de fala. Estes dados foram coletados mediante a leitura em voz alta das produções textuais dos informantes bem como da leitura em voz alta do texto *O gigolô das palavras*, de Luís Fernando Veríssimo (1985).

A coleta foi realizada em duas etapas que geraram dois grupos de análises. O primeiro grupo de análise é composto de informantes dos sexos masculino e feminino, com idades na

faixa etária de 14 (quatorze) anos, do 9º ano. A este grupo pertencem três informantes, um do sexo masculino e dois do sexo feminino. O segundo grupo é composto por informantes do sexo masculino e feminino com idades na faixa etária de 12 (doze) a 13 (treze) anos. A este grupo pertencem nove informantes, sendo cinco do sexo masculino e quatro do sexo feminino, totalizando doze informantes, seis do sexo masculino e seis do sexo feminino. A primeira etapa tinha como meta a coleta de dados de fala dos informantes e se deu em junho de 2013. Portanto, a coleta dos dados foi realizada de maio a junho de 2013. Entre julho e setembro deste ano, foi feita a audição e posterior transcrição dos dados de fala que interessaram à pesquisa.

Consideramos oportuno esclarecer que os dados de fala coletados, por envolverem a leitura de textos, são realizações monitoradas da língua falada e a escolha por dados monitorados de fala deve-se ao fato de que, no contexto, torna-se mais evidente a percepção do objeto que procuramos evidenciar, o modo como a tonicidade se desloca na realização da palavra. Apresentamos a terminologia da monitoração estilística utilizada por Bortoni-Ricardo (2005) por acreditar que os informantes ao lerem em voz alta e gerarem o corpus aqui analisado, se monitoraram estilisticamente, haja vista que estavam em frente a alguém que hierarquicamente era superior a eles, o professor. Devido a este fato, tentaram se policiar linguisticamente no intuito de ‘sufocar’ a variação, sobretudo na produção textual que não haviam escrito, apenas leram, *O gigolô das palavras*. Porém, pelo fato de neste texto, haver muitas palavras não pertencentes ao vocabulário usual deles, acabaram por deixar transparecer a variação da tonicidade que era nossa meta observar: a provocada pelo hiperbibasmo que gerou a movimentação nas realizações de fala observadas.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Primeiramente, exibiremos os dados de fala de informantes do sexo feminino e a posteriori os dados dos informantes do sexo masculino. O intuito aqui é verificar o maior número de ocorrências na fala de cada um dos dois grupos.

Quadro 1: Ocorrências de hiperbíbismo realizadas por informantes do sexo feminino nos dados de fala

PALAVRA	REALIZAÇÃO	Nº DE OCORRÊNCIAS
necrólogos	[nekro'lojiguz]	2
	[nekro'lojus]	1
	[nekro'loguz]	3
	[neko'logu]	1
	[nekro'lojikuz]	1
péssimo	[pe'sizmu]	1
Gigolô	[pe'sr'mzsmu]	1
	[jigo'lo]	1
	[jio'lo]	1
	['jijo]	1
exemplar	['jigolo]	1
	['éplah]	1
	[eze'pla]	1
traíçoiras	[e'zēpla]	1
	[trai'soizoz]	1
Mínimo	[mi'nizmu]	1
Ê	[e]	3
lexicógrafos	[lexiko'grafu]	1
	[leksr'ko'grafuz]	3
	[leksrko'grafikuz]	1
	[tekr'nologuz]	1
indispensável	[ĩdrzpe'savew]	1
autópsia	[autop'sia]	4
	[auto'pia]	1
	[autopoe'zia]	1
submissão	[sub'misu]	1
etimologistas	[eimo'lojitaz]	1
	[etjmo'lo'gitaz]	1
pegaram	[pega'raw]	1
linguagem	['lígua]	1
gravidade	['dadʒi]	1
respeitar	[rezpertu]	2
Vevem	[vi've]	1
faladíssimas	[faladʒisr'mizmu]	1
escrúpulo	[ezkru'pulo]	1
assistem	[asiz'tē]	1
namorado	[namora'doh]	1
obséquios	[obiti'rijnoz]	1
	[obse'kiruz]	1
	[obsekr'i]	1
Veríssimo	[veɾ'simu]	1
Mortas	[mor'taz]	1
	[mortais]	3
Cáften	[caf'tē]	1
Equivoco	[ekr'voku]	1
	[ekrvo]	1
impiedosa	[ĩ'pedioza]	1
Esta	[ez'ta]	1
Está	[ezt'i'veh]	1
Adverti	[adʒ'vehtri]	1
Múmia	[mu'zika]	1

Fonte: pesquisa direta

Percebemos nos dados de fala das informantes que a maior ocorrência de variação se manifestou nas palavras **necrólogos** e **autopsia**. A palavra **necrólogos** foi realizada duas vezes como [nekɾɔ'ɓjigũz]³ e três vezes como [nɛkrɔ'ɓguz]. No primeiro caso, a palavra apesar de sofrer variação no nível morfológico, permanece inalterável quanto à tonicidade, mesmo o maior número de sílabas, não provocou mudança no nível acentual, a palavra continuou proparoxítona.

O segundo caso, entretanto, gerou locomoção do acento, fazendo com que a palavra originalmente proparoxítona, sofresse variação e fosse realizada como paroxítona. Inferimos com este dado de fala que a palavra **necrólogos** realizada como [nɛkrɔ'ɓgũz] não interferiu em nenhum nível da palavra além do suprasegmental e é resultante do processo de hiperbibasmo que gerou o fenômeno que Quednau (In BISOL, 2002), conforme apresentamos alhures, denomina paroxitonia. A palavra autópsia foi realizada quatro vezes como [autɔp'sia], uma vez como [autɔ'pia] e uma vez como [autopoe'zia]. Nos três casos **autopsia** sofre paroxitonia, na realização [autopoe'zia] a palavra pode ser separada como **poesia**, hiato e paroxítona.

Nos dados de fala dos informantes do sexo masculino, a palavra **necrólogos** também sofreu variação no nível da tonicidade, foram quatro realizações como [nɛkrɔ'ɓgoz], o que gerou da mesma forma que nas informantes, paroxitonia. A mesma palavra foi realizada ainda como [niko'ɓgũ] e [negro'ɓgũs], uma vez para cada produção e em ambas as realizações também houve paroxitonia. Nas duas outras realizações [nɛgrɔ'ɓjikũ] e [nɛgrɔkɔ'ɓgikuz] a palavra foi realizada como proparoxítona. O maior número de ocorrências, no entanto, evidencia que a paroxitonia, nesta palavra, sobressai-se nas realizações dos informantes.

Outra palavra que sofreu variação quanto à tonicidade foi **equivoco** que foi realizada seis vezes como sendo paroxítona. Ora foi realizada [ɛkiu'vɔku] (quatro vezes), ora como [eki'ivoku] (duas vezes). Podemos perceber com os dados, até agora verificados, que as palavras que mais sofreram hiperbibasmo foram as que não são de uso contínuo no repertório linguístico dos alunos. A palavra **necrólogos** foi realizada 4 (quatro) vezes como **necrológos**.

O que nos autoriza a hipotetizar que a leitura se processa pela rota fonológica (decodificação dos fonemas) e não pela rota lexical (familiaridade com o vocábulo) o que facilitaria a produção correta, dentro dos padrões da norma culta da língua, da palavra.

As realizações [nɛ'krɔɓguz]>[nɛkrɔ'ɓgoz] e [e'kiivoku]>[ɛki'vɔku] foram as mais evidentes nos dados de fala dos informantes do sexo masculino. Considerando-se a realização [eki'voku] que ocorreu 2 (duas) vezes, o hiperbibasmo em **equivoco** atinge o número de 6 (seis)

³ Por questões normativas da revista que exige que os artigos sejam escritos em fonte Times New Roman os dados aqui expostos para análise estão transcritos na referida fonte, porém originalmente eles foram transcritos em fonte Ipaikiel.

realizações, o que evidencia que o fato de a vogal **o** sobre a qual o acento recai ser aberta ou fechada não interferiu na tonicidade da palavra. Os informantes do sexo masculino dão preferência à realização de **equívoco** como paroxítona.

A palavra **lexicógrafos** com certeza não faz parte do vocabulário usual dos informantes desta pesquisa, assim como as palavras **equívoco** e **necrólogos**. Já a palavra *gráfico*, paroxítona, é constantemente lida por eles nas aulas de Geografia, o que faz com que usem constantemente em seu repertório linguístico o afixo **fico**. Esta desinência foi acrescentada ao vocábulo **lexicógrafos** [ʎksi'kɔgrafuz]>[lesiko'grafikŭ] sendo realizado, portanto, como proparoxítona. Tal fenômeno é denominado parassíntese e consiste na adição simultânea de um prefixo e um sufixo e segundo Silva (2011. p. 172): “se ajusta ao comportamento fonológico geral da língua, podendo evidenciar a aplicação de fenômenos fonológicos”. Observamos com isso que a palavra possui um cume e um sub- cume.⁴

⁴ Como já expressei alhures, o termo cume designa a tonicidade, a sílaba tônica, a vogal tônica. Utilizamos o termo sub-cume genericamente para referirmo-nos a sílabas que realçam as tônicas, como as pré-tônicas, as pós-tônicas e as que carregam o acento secundário.

Quadro 2: Ocorrências de hiperbibasmo realizadas por informantes do sexo masculino nos dados de fala

PALAVRA	REALIZAÇÃO	Nº DE OCORRÊNCIAS
Respondi	[rez'põdi]	1
necrólogos	[nekro'logoz]	4
	[negro'lojɾɔ]	1
	[mko'logu]	1
	[negro'logus]	1
	[negrokõ'lojikuz]	1
Ê	[e]	1
Esta	[ez'ta]	1
Sombria	['sobri]	1
Gigolô	[jɾ'golo]	1
exemplar	[e'zẽplɔ]	1
Cáften	[kõ'fetʃi]	1
	[kaf'tẽ]	1
lexicógrafos	[leksiko'grafuz]	2
	[lestko'grafiku]	1
Apanhar	[a'panja]	1
Saber	['sabi]	1
Equívoco	[ekr'voku]	4
	[ekr'voku]	2
linguagem	['lĩgwa]	1
Autopsia	[autop'sia]	2
	[auto'pra]	1
	[autop'zia]	1
Múmia	[mu'mia]	1
Péssimo	[pe'smu]	1
Culpa	[kuʃ'pa]	1
Princípio	[pɾis'piu]	1
Interesse	[ĩte.re'se]	1
Mortas	[mor'taɾz]	1
Sombria	['sõbia]	1
inomináveis	[momma'vez]	1
Poderem	[pode'rẽ]	1
maltrato-as	[mawtratu'az]	1
Acabaria	[aka'baria]	1
Veríssimo	[ve.ɾis'anu]	1
Básicas	[bazi'adaz]	1

Fonte: pesquisa direta

A palavra **léxico** é, assim como gráfico, de uso constante nas aulas de português. O usuário utiliza-se para garantir a realização do vocábulo de um artifício linguístico, mesmo que implicitamente, ele não toma conhecimento do ato praticado, ele busca na língua artefatos para garantir a realização do vocábulo. A mesma palavra foi realizada como [ʎksiko'grafuz] por duas vezes, o que evidencia que a preferência na língua é por realizar as palavras como paroxítonas.

A palavra **necrólogo** foi realizada no singular e no plural com duas variações para cada número gramatical. No singular foi verbalizada 2 (duas) vezes [nɛkrɔ'lbɔgikuz] e 1 (uma) vez como [nɛkrɔ'lbɔjuz]. No plural foi realizada 1 (uma) vez como [nɛkrɔ'lbɔgu] e 5 (cinco) vezes como [nɛkrɔ'lbɔguz]. Das 9 (nove) realizações da palavra, 7 (sete) apresentaram hiperbibasmo. Outra palavra que apresentou 9 (nove) variações foi **lexicógrafos** que foi realizada 9 (nove) vezes. Sem levar em consideração o número gramatical e nos atendo apenas para a realização da palavra das nove vezes em que a palavra foi realizada 7 (sete) vezes como paroxítona. Ambas as palavras não pertencem ao vocabulário usual dos falantes observados, o que leva a crer que pelo fato de desconhecerem o tipo de tonicidade das palavras tendem a produzi-las como paroxítonas devido à característica que a língua portuguesa tem de possuir a maioria de suas palavras com acento tônico na penúltima sílaba.

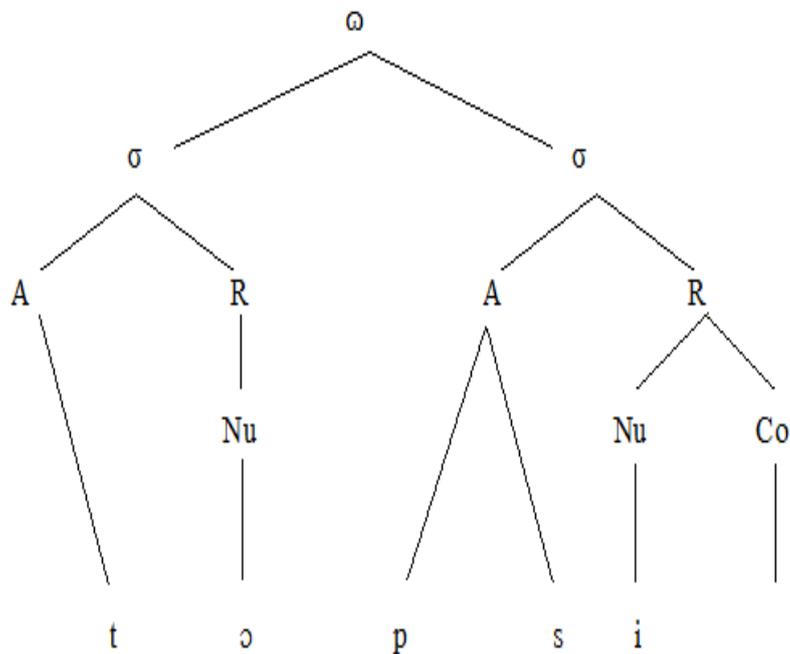
As palavras constantes no quadro 3 acima têm tonicidade do tipo proparoxítona e devido ao processo de paroxítonia que conforme Quednau (APUD BISOL, 2002) geraram o fenômeno do hiperbibasmo. A palavra **gigolô** tem tonicidade do tipo oxítona, mas de suas 5 (cinco) realizações, 3 (três) foram como paroxítona: [ji'golɔ], [ji'olo] e [ji'go]; uma como oxítona: [jigo'lo] e uma como proparoxítona: ['jigolo]. O fato é que mesmo sendo institucionalizada pelas regras da língua como palavra com tonicidade do tipo oxítona **gigolô** teve mais realizações de tonicidade do tipo paroxítona.

A palavra **mortas** foi realizada 4 (quatro) vezes como [mɔh'taiz]. Acrescentou-se a ela a vogal **i**. O acréscimo da vogal **i** resulta do fenômeno fonológico da epêntese, em razão do apoio da oralidade. O acréscimo da vogal **i** após a vogal, que a oclusiva /t/ ataca, faz com que o acento se movimente em direção à mesma vogal atacada. Entretanto, a palavra continua a ser realizada como paroxítona.

Na realização do vocábulo **autópsia**, palavra paroxítona, ocorreu locomoção da sílaba tônica para a sílaba **si**, porém a palavra continuou a ser produzida como paroxítona. A sílaba **si** foi pronunciada com uma força expiratória maior que ocasionou sua separação da vogal átona final **a**. Esta palavra teve sete realizações e em todas foi produzida como paroxítona.

Aplicando o modelo métrico, hierarquizamos a estrutura silábica para representar o acento adequadamente. O acento passa a ser uma propriedade da sílaba tônica. No esquema abaixo, observamos que o acento se manifesta perfeitamente como uma proeminência que emerge a partir da relação que se estabelece entre os elementos prosódicos na palavra **autópsia** >[autɔp'sia].

Figura 3: esquema arbóreo da palavra autópsia



Com este esquema arbóreo podemos exemplificar tanto a teoria autosegmental, que pressupõe camadas independentes, uma das quais representa as sílabas (σ) a quem os segmentos se ligam diretamente de modo igual e o modelo métrico que defende que há um relacionamento muito mais estreito entre a vogal do núcleo e a consoante da coda do que entre esta vogal e a consoante do ataque, (COLLISCHONN, 2010).

Há uma violabilidade do português padrão na realização aqui dissecada. A palavra autópsia foi realizada como [autɔp'sia], resultante do hiperbibasmo que a palavra sofre ao ser verbalizada. Há, aqui, um conflito entre duas restrições universais. A primeira que diz que a língua portuguesa tem palavras proparoxítonas e a segunda que diz que mesma língua também possui palavras paroxítonas e oxítonas e que dentre estas três possibilidades de tonicidade a preferência no uso da língua é por palavras paroxítonas. Desta forma, o hiperbibasmo faz com que as proparoxítonas sejam realizadas como paroxítonas, já o contrário não é comum. Assim, a restrição que milita a favor da paroxítonia vence a disputa contra a restrição que prefere pronunciar a antepenúltima sílaba como tônica. O usuário passa então a preferir pronunciar [autɔp'sia] a [au'tɔpsia]. Porém, concordamos com Schwindt (In BISOL, 2010 b) quando ele afirma que as disputas são universais e violáveis e cabe à língua hierarquizá-las. Ainda de acordo com este autor, para a TO a preferência por uma sequência segmental em detrimento de outra não é produto de uma regra específica do português, mas do conflito entre duas restrições.

Quadro 3: Palavra paroxitona que sofreu hiperbibasmo e continuou paroxitona

PALAVRA	PRONÚNCIA REGULAR	REALIZAÇÃO	Nº DE OCORRÊNCIAS
autópsia	[au'tɔpsia]	[autɔp'sia]	4
		[autɔp'zia]	1
		[auto'pia]	1
		[autɔpoe'zia]	1

Fonte: pesquisa direta

A palavra **autópsia** sofreu variação em sua verbalização, porém continuou a ser pronunciada como paroxitona. Foi realizada 4 (quatro) vezes como [autɔp'sia], nessa produção a vogal átona **a** ao ser realizada separou-se do **i** fazendo com que o acento recaísse sobre esta vogal. O mesmo ocorreu com sua realização como [autɔp'zia] a única diferença entre as duas ocorrências é a realização da fricativa ora como /s/ ora como [z]. Dessa feita, podemos dizer que a palavra foi realizada 5 (cinco) vezes com a vogal átona **a** separada de **i**, devido ao hiperbibasmo ocorrido.

Na realização [auto'pia] ocorre apócope, ou seja, a omissão de um som (aqui o fonema /s/ entre as vogais **i** e **a**) no fim da palavra, o que provocou a locomoção do acento tônico. É como se o acento não tivesse se movimentado, mas a palavra. Ao perder um dos fones que a compõem, o acento passa a exercer influência sobre uma outra vogal, transformando-se em uma outra vogal, mas isso não fez com que o acento se locomovesse a ponto de modificar o tipo de tonicidade, ele apenas passou a se manifestar em um outro fonema. Antes recaía sobre a vogal **o** e passou a recair sobre a vogal **i**. A movimentação que o hiperbibasmo representa, não é sempre responsável por mudanças no nível da tonicidade, às vezes, como no caso da palavra **autópsia**, provoca apenas uma mudança quanto ao fonema em que a tonicidade recai. Até porque, conforme Cavaliere (2005), o hiperbibasmo é o avanço ou recuo do acento de intensidade. Isso não significa que ele enquanto processo, sempre provoque paroxítonia, mas, sim, contribua para que o fenômeno linguístico da paroxítonia apresente-se, manifeste-se na língua coloquial falada.

Dentre as palavras que sofreram hiperbibasmo e foram pronunciadas como paroxítonas a mais evidente foi **escrúpulo** > [iskrũ'pũlu]. Este é um vocábulo que de acordo com os padrões acentuais normativos da língua tem tonicidade do tipo proparoxítono, mas que foi realizado como sendo paroxítono. Na realização de **princípios** [pĩ'si'pi], ocorre apócope da vogal **o**. O que chamou atenção nesta palavra foi o fato de ter sido pronunciada, apenas, até a sílaba tônica

emergir contribuindo para defender o que havíamos dito alhures sobre o papel de realce que as sílabas que cercam a tônica exercem.

As pretônicas são uma espécie de colaboradoras das tônicas, contribuem para tornar o significado das tônicas possível, enquanto que as postônicas às vezes não cumprem esta função bem, não se manifestando no nível da superfície da língua verbalizada. Este parêntese, entretanto, envolve questões que saem do foco aqui analisado, por envolverem questões morfológicas tais como a derivação dos vocábulos, mas é oportuno fazer alguns comentários a respeito pelo fato de que eles auxiliam na compreensão da verbalização de alguns vocábulos.

Na palavra **princípios** o morfema **prin** identifica a raiz da palavra e se localiza no início dela e anteposto à sílaba tônica e a postônica realça o núcleo da palavra de modo quase que irrelevante, é como se surgisse quando os demais constituintes já tivessem cumprido seus papéis, inclusive o dela. O mesmo ocorreu com **linguagem**>[l'ĩgua] que só teve o radical e a vogal temática realizados.

Na realização de **indispensável**>[i'dizpẽ'savɣw] verificamos o que Silva (2005) comenta e que já expomos alhures a respeito do acento secundário que certos vocábulos têm, sobretudo aqueles mais extensos. De acordo com a autora, as vogais acentuadas carregam o acento mais forte e as vogais átonas pretônicas ou postônicas podem ou não carregar o acento secundário. Em [i'dizpẽ'savɣw] o acento secundário se manifesta na primeira vogal **i** pretônica. Entretanto, a vogal mais forte é sempre a tônica. O fato de que a vogal que possui o acento secundário não se sobressair, não é suficientemente forte para representar o pico da palavra fonológica que torna necessária à emersão de uma outra sílaba, tônica que passa a dominar prosodicamente a palavra.

A regularidade no português brasileiro é possuir mais palavras paroxítonas em seu vocabulário que proparoxítonas e oxítonas, e para que este padrão se mantenha, até porque já é uma característica natural da língua, fenômenos como síncope, apócope, epêntese e acréscimo dentre outros, passam a se manifestar na língua, primeiramente falada, sendo refletidos também na escrita e acarretando, as realizações apresentadas na análise feita a partir do processo fonológico do hiperbibasmo, fenômeno linguístico que Quednau (2002), denomina paroxitonia. Acrescentamos ao exposto, até aqui, a fala de Collischonn (2010) em que defende o fato de no português o acento sempre recair sobre uma das últimas sílabas, preferencialmente sobre a última indica a regularidade da distribuição do acento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise apresentada, concordamos com Cavaliere (2005) quando diz que em palavras mais eruditas e menos corriqueiras, o vocabulário dos falantes, se aproxima muito mais da imposição normativa da língua no que se refere à marcação da tonicidade. O hiperbibasmo comprova que o acento das proparoxítonas se aproxima muito do artificialismo, ou da gramática normativa.

A acentuação destas palavras muitas vezes se distancia da agilidade que a realidade linguística, entendida aqui como a modalidade falada da língua, exige. Devido a este fato, o hiperbibasmo e outros fenômenos linguísticos, bem como comportamentos linguísticos entram em cena para garantir que na modalidade falada haja dinamismo e que o padrão regular que prioriza o tipo de tonicidade paroxítono prevaleça nos usos reais da língua.

Para encerrar, defendemos a ideia de que o acento é um constituinte prosódico da sílaba tônica e sempre será delimitado na língua oral. Na produção oral gerada pela leitura que os informantes fizeram de suas próprias produções a tonicidade foi manifestada e quase sempre tendeu para a paroxítonia seguindo o padrão regular do português brasileiro que tem como preferência no uso real da língua a marcação da tonicidade do tipo paroxítona na realização dos vocábulos, tanto em palavras paroxítonas quanto nas proparoxítonas e há de fato uma preferência maior de pronunciar proparoxítonas como paroxítonas do que o contrário.

Percebemos o tratamento dado aos tipos de tonicidade oxítona e proparoxítona como pertencentes a regras menores realmente se fazem oportunos, haja vista que nos dados por nós analisados a proeminência acentual foi majoritariamente paroxítona. Entretanto, reiteramos que não deixamos as tonicidades pertencentes a regras menores de lado, pois em muitas das proparoxítonas o hiperbibasmo gerou paroxítonia.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Gabriel Antunes de. (org.). **O acento em português: abordagens fonológicas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BISOL, Leda et SCHWINDT, Luiz Carlos. **Teoria da Otimidade: Fonologia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010a.

BISOL, Leda. (org.) **Fonologia e variação: Recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BISOL, Leda. (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010b.

_____. O acento em português. BISOL, Leda. (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010 b.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Cap. 4. Um modelo para a análise sociolinguística do português brasileiro In: **Nós chegemu na escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2005.

CALLOU, Dinah et LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CAVALIERE, Ricardo. **Pontos essenciais em fonética e fonologia**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

COLLISCHONN, Gisela. **A sílaba em português**. In BISOL, Leda. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010 b.

COLLISCHONN, Gisela. Proeminência acentual e estrutura silábica: seus efeitos em fenômenos do português brasileiro. In ARAÚJO, Gabriel Antunes de. (org.). **O acento em português: abordagens fonológicas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

DUBOIS, Jean. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

HOUAISS, Instituto Antônio (org). **Dicionário Houaiss Conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

LEE, Seung Hwa. O acento primário no português: uma análise unificada na teoria da otimalidade. In. ARAÚJO, Gabriel Antunes de. (org.). **O acento em português: abordagens fonológicas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MAGALHÃES, José Sueli. Acento. In: BISOL, Leda; SCHWINDT, Luiz Carlos. **Teoria da Otimidade: Fonologia**. Campinas/São Paulo: Pontes Editores, 2010a.

PEREIRA, Maria Isabel. Acento latino e acento em português: que parentesco? In. ARAÚJO, Gabriel Antunes de. (org.). **O acento em português: abordagens fonológicas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SILVA, Taís Cristóforo. **Fonética e fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

AILMA DO NASCIMENTO SILVA

Possui graduação em Em Letras pela Universidade Estadual do Piauí (1994), mestrado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2002) e doutorado Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2009). Atualmente é professor Adjunto II - dedicação exclusiva - da Universidade Estadual do Piauí. É pesquisadora na área de Variação membro do Núcleo de Pesquisas e Estudos Linguísticos - NUCEL/UESPI. Atualmente exerce a função de Pró-Reitora de Ensino de Graduação. É professora permanente do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UESPI).
e-mail: ailmanascimento@yahoo.com.br

JOSÉ MÁGNO DE SOUSA VIEIRA

Graduado em Licenciatura Plena em Letras-Português com Especialização Lato Sensu em Linguística e Ensino pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI. Mestre em Letras (área de concentração Linguística) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras-PPGEL da Universidade Federal do Piauí-UFPI. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso NEPAD (UFPI/CNPQ). Professor substituto da Universidade Estadual do Piauí-UESPI, campus de Piriipiri, lotado no curso de Licenciatura Plena em Letras-Português. Professor da Faculdade de Ensino Superior do Piauí-FAESPI, na qual ministra a disciplina Linguagem e Produção de Textos.
e-mail: magnoreute@bol.com.br

Enviado em 10/03/2017.

Aceito em 30/05/2017.